

Formas de ocupar o universo da escrita: entrevista com Márcia Kambeba

Ways of occupying the writing universe: interview with Márcia Kambeba

Márcia Wayna KAMBEBA*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Ivânia dos Santos NEVES**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Nesta entrevista, a professora Ivânia Neves faz uma série de perguntas:

1 Em função de sua trajetória como escritora, você sabe que existe uma polêmica sobre a denominação literatura indígena. Antes de fazer a pergunta, no entanto, é necessário esclarecer aos leitores menos entendidos sobre a questão, que existe uma literatura indigenista, feita por não indígenas com temáticas e personagens indígenas e a literatura feita pelos próprios indígenas. Para alguns estudiosos e mesmo para algumas indígenas, essa manifestação deveria ser chamada de artes verbais indígenas. Qual sua posição sobre essa questão?

Como escritora indígena, eu vejo a denominação literatura indígena como uma forma de ecoar, mas também de reafirmar a identidade e a voz dos povos indígenas no campo literário. Esse enunciado carrega a identidade de cada parente e parenta que escreve e tem um poder simbólico, porque é visto por nós indígenas como um espaço de resistência e de lutas. Pela palavra escrita nos comunicamos com um público eclético que

* Mestre em geografia e atualmente está finalizando o Doutorado em Letras, na Área de Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Atualmente, uma das mais reconhecidas escritoras indígenas do Brasil. E-mail: marciacambeba@gmail.com

** Doutora em Análise do Discurso pela Unicamp. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. Prêmio Jabuti na categoria Didático em 2000, Bolsista de Produtividade do CNPq. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão com sociedades amazônicas. E-mail: ivianianeves@ufpa.br

vive na aldeia e na cidade. Nesse território literário memórias, narrativas e a própria língua mãe são preservados, registrados e compartilhados.

A Literatura indígena vai além da escrita, pois é uma extensão da oralidade e da ancestralidade traduzindo vivências nas mais diversas formas de produção textual. No meu caso escolhi a poesia, o texto em prosa e as histórias para o público infanto-juvenil como forma de comunicação. A nossa escrita vista como literatura indígenas traduz a vivência e os valores dos povos indígenas em palavras. Pela literatura anunciamos e denunciemos todo tipo de situações e violências que ainda vivemos. A literatura indígena é sim um campo onde se luta por direitos coletivos, pela terra, ambiente, território.

A literatura indígena contribui de forma incansável com o clima, ao trazer, por exemplo, narrativas que mostram a relação de reciprocidade, cooperação, união e cuidado que se tem entre os povos indígenas e a natureza, traduzido no que chamamos de “bem viver”. Meus poemas por exemplo, trazem sobre a questão dos impactos ambientais relacionado ao lixo que se produz e prejudica o lençol freático e implica na poluição dos rios. Na cosmovisão do povo Omágua/Kambeba, quando trato da narrativa de criação, relacionada à gota d’água”, mostro que somos o povo das águas, por nascer do rio e ver e sentir que dele vem narrativas de fortalecimento para o povo. Nós não agredimos o rio que nos deu e nos dá a vida.

A literatura indígena alerta sobre a consequência da exploração predatória e da valorização de ouvir as bisavós, avós como aponta o livro “Meu Avô Apolinário” de Daniel Munduruku (2001). Minha literatura segue uma linha de conexão com a natureza e a proteção e valorização dos territórios, minha literatura é um chamado para que todos possamos nos engajar na defesa não só da Amazônia, mas da vida em todo seu aspecto e existência. A literatura indígena é o território da escrita onde nossas vozes encontram lugar para se manifestar e resistir. Nesse território da escrita literária indígena, que não deixa de ser brasileira e mundial, fazemos manifestações culturais, políticas e ambientais, onde nossas memórias, histórias e saberes fluem rompendo barreiras impostas pela colonização e caminhando na valorização das línguas indígenas quando em nossos livros apresentamos por exemplo, poema bilingue. É uma literatura decolonial que fazemos. Para fechar, no meu entendimento todos os dias na aldeia fazemos literatura indígena, porque ela se constrói no dia a dia, nas pequenas ações que sentimos e vivemos. Uma remada é poesia para mim, um banho de rio é poético demais. Por isso, a literatura

indígena é feita para ouvir de olhos fechados e sentado se imaginando no ambiente da aldeia.

2 O universo literário ocidental historicamente privilegiou o homem. Felizmente, hoje, nas universidades brasileiras, existe um movimento de remexida na história das mulheres escritoras. Esta edição da Revista Moara é volta exclusivamente para mulheres escritoras. Você, como uma escritora indígena, sente também o privilégio masculino?

Sim, o privilégio masculino também se manifesta entre escritoras indígenas. Na literatura ocidental, o homem sempre foi privilegiado, e isso se reflete também nas vozes indígenas. Tradicionalmente, as narrativas indígenas, muitas vezes transmitidas oralmente por mulheres, foram apagadas ou silenciadas pelas estruturas patriarcais e coloniais. Mesmo em espaços que se propõem a valorizar a literatura indígena, as vozes masculinas ainda são mais visíveis.

Como mulher indígena, noto que esse privilégio masculino se estende para além da literatura: está presente em todas as esferas, inclusive nas acadêmicas, onde os homens indígenas costumam ter mais destaque. Isso reflete uma hierarquia de poder que não reconhece plenamente o papel vital das mulheres indígenas como guardiãs de saberes e histórias, muitas vezes relegadas a uma posição secundária ou invisível.

No entanto, já tem alguns anos que as mulheres indígenas estão, a cada dia, ampliando seu espaço na literatura e na academia, reconhecendo que houve um tempo em que a voz dos homens ecoava mais alto e era mais escutada. Esse cenário tem mudado significativamente. As mulheres indígenas têm desbravado espaços em diversas áreas, incluindo a política. Nas últimas eleições, vimos mulheres indígenas sendo eleitas como prefeitas, vice-prefeitas e vereadoras, algo impensável há alguns anos. Além disso, temos a liderança de uma mulher indígena no Ministério dos Povos Indígenas, a Sônia Guajajara, o que demonstra que o protagonismo feminino indígena está cada vez mais consolidado.

Esses avanços são indicativos de que as mulheres indígenas não apenas estão conquistando novos espaços, mas também estão transformando o quadro que antes era dominado por homens. Na literatura, por exemplo, suas vozes são fundamentais para recontar histórias, questionar o colonialismo e remexer memórias coletivas e saberes

ancestrais, algo que vem fortalecendo o movimento de resistência indígena. Assim, tanto na academia, literatura quanto na política, as mulheres indígenas estão mostrando sua força e contribuindo para um futuro diverso e equitativo.

Hoje, a mulher indígena ocupa papéis fundamentais em suas comunidades e na sociedade em geral. Elas são cacicas, pajés e as principais guardiãs das memórias dos mais velhos, preservando e transmitindo saberes ancestrais. Além disso, o movimento de escritoras indígenas cresce cada vez mais, com iniciativas como o "Leia Mulheres Indígenas" e o "Mulherio das Letras Indígenas", que fortalecem essa rede de mulheres que escrevem e compartilham suas histórias.

Essas conquistas são frutos do caminho aberto por mulheres pioneiras, como Eliane Potiguara, a primeira mulher indígena a publicar fora do Brasil, que pavimentou a estrada para muitas de nós. Graças a essas vozes que nos antecederam, as escritoras indígenas de hoje podem expressar suas experiências e lutas com mais força e visibilidade, desafiando o apagamento histórico e criando um espaço de protagonismo cada vez mais consolidado.

No meu caso particular, no início da minha carreira como escritora, senti certa dificuldade em encontrar editoras que publicassem meus livros. No entanto, após o lançamento do meu primeiro livro, as editoras começaram a me procurar, e hoje sou eu mesma quem cuida de tudo relacionado à minha literatura e ao meu trabalho. Eu procuro sempre avaliar se a editora tem propostas que fortaleçam o meu fazer literário. Atualmente, já somo 11 livros publicados, e, neste mês de outubro de 2024, lancei mais dois livros para as infâncias: “Matinta Pajé” e “O Curumim e o Rio”, pela Editora Krauss. Sou uma escritora indígena que publica anualmente, mas percebo que, quando o assunto é literatura indígena, nomes como Ailton Krenak e Daniel Munduruku são mais lidos, talvez por terem mais tempo de trajetória e uma maior quantidade de livros publicados. Mesmo assim, essa visibilidade crescente das vozes indígenas na literatura é um sinal do nosso fortalecimento enquanto autores e autoras indígenas, com cada vez mais escritores e escritoras ocupando espaços de destaque.

Fico muito feliz quando uma mulher indígena lança seu livro, pois sei que esse livro vem impregnado de memórias, de narrativas que foram transmitidas por meio da oralidade. Quando escrevemos, remexemos no mais profundo de nossa memória para trazer, à luz da escrita, histórias antigas e novas, sejam elas poesias, textos em prosa,

infantojuvenis ou acadêmicos. Toda forma de escrita, independentemente do gênero, é uma expressão de literatura indígena, porque carrega em si os saberes, a cultura e a ancestralidade que fazem parte de quem somos. É um ato de resistência e preservação de nossas histórias.

Celebro 11 anos de caminhada literária, um percurso marcado pela produção de textos que nascem da escuta atenta aos anciões, das lembranças dos momentos que vivi com minha avó e da constante revisitação ao meu lugar de origem, a aldeia. Cada palavra escrita é um elo entre o presente e o passado, um ato de memória e resistência que une o acadêmico ao ancestral. Meu trabalho literário, seja em poesia, prosa ou textos acadêmicos, sempre dialoga com essas raízes, trazendo à tona histórias, saberes e vivências que fortalecem minha identidade como escritora indígena Omágua/Kambeba.

3 O pesquisador Cherokee-canadense Thomas King reivindica novas categorias teóricas e novos gêneros para analisar a literatura indígena e suas singularidades (Neves, 2018). Em suas proposições, ele fala de um gênero interfuncional, que envolveria o bilinguismo e questões relacionadas à oralidade e escrita. Como você vê a relação entre a oralidade e o texto escrito e de que forma isso está presente na sua obra?

Eu considero muito importante que os próprios indígenas já estejam reivindicando novas categorias teóricas, pois a literatura indígena tem suas especificidades, que precisam ser compreendidas e respeitadas. O bilinguismo e a oralidade estão presentes em nossas produções. Aqui no Brasil também precisamos dessa sensibilidade do Thomas King. Eu transito por muitas universidades e percebo que hoje temos um momento propício para essas novas discussões produzidas pelas análises da literatura indígena.

Tive a honra de nascer entre meus parentes Magüta/Tikuna e aprender com os mais velhos. Na minha infância ainda na aldeia Belém do Solimões do povo Magüta/Tikuna, minha avó Assunta me ensinava saberes através da oralidade. Ouvir histórias na porta das casas dos anciões foi uma realidade que vivi e senti. Era comum à tardinha ver as mulheres reunidas na frente das casas sentadas no chão de terra (porque agora veio o asfalto) para contarem sobre vivências atuais e de longos tempos na língua mãe. O povo Magüta/Tikuna fala pouco português entre eles. Hoje penso que isso seja uma estratégia contra o dispositivo colonial. Eu também ouvia as narrativas na língua do

povo e entendia bem. Quando um ancião falava se fazia silêncio para ouvir e aprender. Isso contribuiu com minha formação como pessoa e hoje como escritora vejo a relação entre a oralidade e texto escrito como um elo fundamental, que conecta o passado e o presente preservando e transmitindo os saberes ancestrais do povo e de modo particular do meu povo Omágua/Kambeba.

É certo que a oralidade foi e sempre será a forma ancestral de repassarmos saberes, por ser uma fonte viva de saberes e vem carregada de histórias, memórias, envolvendo cantos, rituais, nosso sagrado, que formam a base da identidade e da etnicidade indígena. Ao trazer essas vozes para meu texto busco não apenas registrar a oralidade, mas busco manter a fluidez e a vivência da palavra falada, pois escrevo textos bilingues, ou seja, na língua mãe do povo Omágua/Kambeba e traduzo para português. Isso fortalece esse entrelace de mundos e saberes e é ao mesmo tempo uma estratégia de resistência. Eu penso que meus livros e os poemas integram as duas dimensões: oralidade e escrita e fortalece a importância da língua mãe entre nós nos encorajando muitas vezes a reaprender a língua de nossos ancestrais.

Não podemos esquecer que houve proibição para falar as línguas indígenas em vários momentos da história do Brasil. Se nossos ancestrais fossem encontrados falando outra língua que não fosse português eram castigados quando não mortos. Nesses momentos, cochichar a língua indígena foi estrategicamente a forma de escapar dos silenciamentos impostos pelo contato. Sabemos que nossa língua é necessária para demarcarmos nosso lugar de povo vivo. Por isso, acredito numa resiliência cultural que nos leva por exemplo a ressignificar determinados acontecimentos, sem perder nossa referência de sermos povo, indígenas num mundo contemporâneo, mas com saberes ancestrais que nos fortalecem e orientam. E a escrita que eu faço tem isso de trazer o contemporâneo e o ancestral para esse território da palavra que é a literatura indígena coexistindo sempre.

4 Hoje, você é a escritora indígena que mais vende livro no Brasil. Na Feria do Livro Pan-Amazônia do Livro, aqui no Pará em 2023, alguns títulos de sua autoria foram rapidamente esgotados. Como você vê a relação estabelecida entre a produção literária indígena e as editoras e como foi para você começar a publicar seus livros?

Com relação à publicação de livros em editoras, eu destaco a dificuldade que escritores indígenas enfrentam ao tentar publicar suas obras em editoras tradicionais. Muitas editoras ainda têm uma visão restrita sobre o que consideram como literatura ou quais narrativas merecem ser publicadas, o que pode limitar o espaço para escritores indígenas. Destaco a falta de diversidade nas publicações, especialmente no que diz respeito às vozes indígenas, e a necessidade de ampliar esses espaços para que a literatura indígena ganhe mais visibilidade. Outra dificuldade comum é a falta de financiamento ou apoio para projetos de escritores indígenas, que muitas vezes têm que buscar formas alternativas de publicação ou financiamento, como editais culturais ou apoio de universidades. Esses obstáculos tornam o processo de publicação mais complexo, o que pode desmotivar novos escritores. Mas apesar de tudo isso percebo um aumento considerável no número de escritores indígenas no Brasil. No entanto, precisamos que nossa literatura seja reconhecida, valorizada e que se tenha mais espaços nas editoras para que nossas narrativas possam ser contadas, escritas e ilustradas.

Quando escrevo um livro penso em alcançar um público leitor que não apenas goste de poesia por exemplo, mas que ele ajude a produzir reflexão com ação para um mundo menos injusto. Por isso, toda vez que sai um livro meu no mercado literário me comprometo de ajudar a editora na divulgação, sendo parceira da editora, para que esse livro alcance outros lugares além da Academia e sala de aula. Busco com meus textos trazer para o centro das discussões nacionais e internacionais questões cruciais relacionadas aos direitos territoriais dos povos indígenas, às ameaças ambientais à Amazônia e à luta contra o marco temporal. Suas publicações não apenas denunciam as injustiças sofridas por esses povos, mas também oferecem uma visão a partir da vivência indígena.

Muitos indígenas como eu, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Auritha Tabajara, Truduá Dorrico, Cristino Wapichana, entre outros, já alcançamos o cenário internacional. No meu caso, tenho poemas publicados em revistas internacionais voltadas para a educação, em antologias, revistas, jornais e isso é importante, mas, são conquistas que precisamos ter paciência e saber trilhar os caminhos para alcançar. O que escrevemos, a escolha do repertório literário é importante, porque no cenário internacional, isso ganha uma relevância especial à medida que as culturas indígenas são reconhecidas como fundamentais para a biodiversidade e o equilíbrio ecológico.

5 Atualmente, um pequeno grupo de escritores indígenas, de que você faz parte, é bastante prestigiado nas escolas e mesmo nas universidades. Como você sente a contribuição de sua literatura para as escolas e para a pesquisas acadêmicas?

Em minhas andanças pelas escolas e feiras literárias, eu me emociono ao perceber que as minhas obras literárias têm realizado um papel importante na educação, pois são importantes para a conscientização sobre a riqueza cultural e a sabedoria dos povos indígenas. Ao serem incorporados em currículos escolares e programas de leitura, suas publicações ajudam a formar uma geração de jovens brasileiros e estrangeiros mais conscientes e sensíveis à realidade dos povos originários, promovendo o respeito à diversidade cultural.

Ultimamente tenho feito a cedência de textos para livros didáticos, especialmente o poema “Índio eu não sou” do livro “Ay Kakyri Tama- Eu moro na cidade” (2013). Penso que a nossa literatura ao ser incluída em livro didático e direcionado aos estudantes brasileiros proporciona o contato direto com a perspectiva indígena, uma narrativa muitas vezes marginalizada na educação formal. Minhas obras, por exemplo, abordam questões como a importância do território e da territorialidade indígena, a espiritualidade dos povos Omágua/Kambeba e de outros grupos indígenas da Amazônia, questões políticas e sociais, memória, história, geografia dos povos, entre outros já mencionados por estudantes pesquisadores da literatura indígena e de meus poemas. Ter nossa literatura no livro didático é lei e está abraçado pela 11.645 e para além disso. Ao entrar no currículo escolar, nossa literatura contribui com a necessidade que as escolas têm de colocar em circulação uma visão plural da vida, ela fortalece o respeito pela diversidade do nosso país.

Eu entendo a relevância do meu trabalho para o público acadêmico tanto os da graduação quanto da pós-graduação. Essa relevância me faz ter ainda mais cuidado e responsabilidade na produção do material literário que apresento. São artigos, teses, dissertações, monografias, TCCs, entrevistas para revistas e outros periódicos falando de minha literatura poética nas mais diversas interpretações. Sempre procuro criar uma ponte entre os saberes e tradições com o universo contemporâneo. Meus poemas são mencionados também em filmes, documentários sobre a questão amazônica e climática.

Em meus textos procuro questionar as estruturas coloniais que historicamente marginalizaram as culturas indígenas e então, proponho uma visão alternativa para o que vivemos. Vejo que minha obra transita por várias áreas do saber, várias disciplinas incluindo Direito, Medicina e Engenharia. É leitura obrigatória em Universidades como por exemplo, a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Vejo que a abordagem holística que trago tem movimentado minha literatura por esses campos da pesquisa e ciência. Apresento um trecho retirado da Dissertação de Mestrado do Miguel D’Amorim sobre o uso dos meus poemas em sala de aula ele diz:

Salientamos que os escritos das primeiras mulheres indígenas, e em particular os de Márcia Wayna Kambeba, querendo ou não, abrem-se para um novo cenário onde a mulher nativa busca lutar por um protagonismo feminino na escrita. Dessa forma, ela começa a escrever seus pensamentos, a compor suas músicas e a fazer seus filmes, iniciando a vivência em um universo onde a caneta passa a ser a flecha que acerta sem sangrar e não mata, mas (in)forma e tenta descolonizar. Márcia Wayna Kambeba ao escrever sua poesia apresenta essas faces dessa resistência do texto poético. Recupera o —sentido comunitário perdido, ou silenciado durante muitos anos no Brasil, explora a —melodia dos afetosl mediante uma linguagem que faz referência a memória do seu povo e realiza uma crítica direta e não velada diante do colonizador. Elaboramos então uma pergunta para nortear esta pesquisa: Como a poesia indígena brasileira de Márcia Wayna Kambeba apresentada à luz da leitura subjetiva poderá contribuir para o encanto, o envolvimento e o deslocamento do olhar dos estudantes sobre a cultura dos povos nativos? Para responder essa indagação, objetivamos investigar a recepção da poesia indígena de Márcia Wayna Kambeba e os ecos íntimos do jovem leitor. (Miguel D’Amorim, 2019, p. 41)

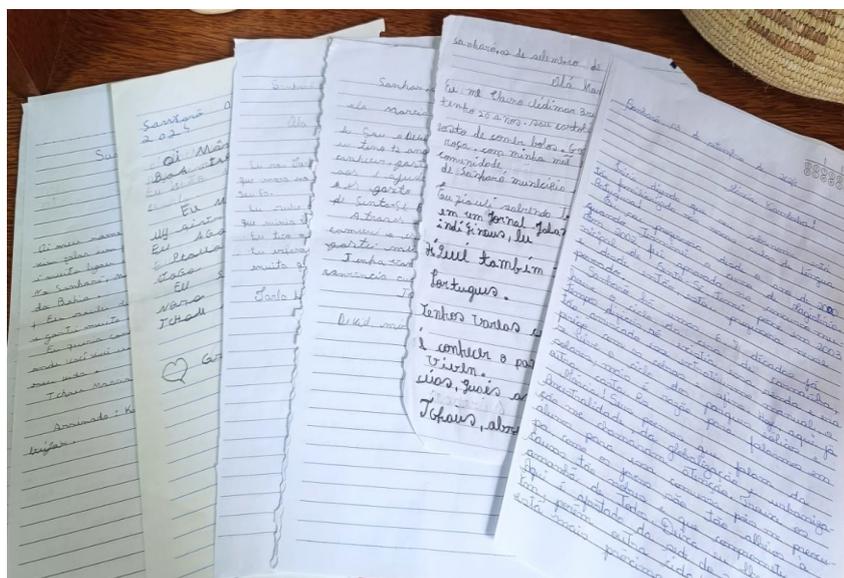
É fortalecedor ler sobre a pesquisa que a academia faz de meus poemas. Miguel D’Amorim é um poeta amigo e professor em escola pública de Recife, ele está no Doutorado e sua tese fala de todos meus livros numa pesquisa ampliada de como minha literatura alcança as escolas em todo Brasil. Também me emociona e fortalece receber o retorno dos alunos do ensino fundamental a médio das escolas públicas e privadas.

Fui por dois anos a escritora homenageada da Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto. Para isso, a Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto envia com meses de antecedência os livros do autor/autora homenageado para que seja trabalhado nas escolas e no dia que o autor/autora chega as homenagens são feitas e sou tomada de uma emoção imensa por ver que meus textos estão fazendo resistência na sala de aula Brasil a fora.

Tenho viajado muito pelo Brasil, não apenas recebendo homenagens, mas dando formação para os professores sobre literatura indígena e seu uso em sala de aula, com

meu trabalho lítero-musical, com palestras em sala de aula e muitas vezes essas palestras são sem ônus, porque é um projeto meu de contribuição com a cultura e educação. Recente recebi de alunos de um município do interior de SP cartas escritas a caneta enviadas por correio. Ao ler fiquei profundamente emocionada e pesou sobre meus ombros a responsabilidade de ser uma escritora indígena. Os alunos estão estudando meus textos poéticos e falaram a professora da vontade de me enviar cartas sobre suas impressões sobre meus livros. Na foto apresento as cartas.

Figura 01 – Cartas recebidas de alunos de Sanharó, Santo -Sé na Bahia



Fonte: acervo das autoras

Tenho circulado muito o Brasil levada por instituições como SESC e pelas prefeituras municipais como a Prefeitura de SP entre outras e a recepção do público de educadores e estudantes me impressiona e me leva a pensar que eu não tenho a dimensão da amplitude da minha obra literária.

Vivi um acontecimento muito especial em Ribeirão Preto, quando fui a uma escola do SESI para ser homenageada. Cheguei às oito horas da manhã e os alunos e alguns professores já estavam na sala, alunos de 3º ano do Ensino Médio de Gastronomia. Eles me relataram que desde as três horas da manhã estavam acordados se preparando para o momento comigo, professores não conseguiram dormir com ansiedade e nervosos e pensei: “Meu Deus! Gratidão pelo dom que me deste. Mas, será que mereço tudo isso?” E claro, cada momento vivido com eles me emocionou muito. Esses alunos de

Gastronomia utilizaram meu poema que trata sobre a culinária do povo Omágua/Kambeba e foi lindo provei tudo que eles fizeram. Isso aconteceu esse ano, no mês de maio de 2024.

6 Às vésperas de concluir seu curso de Doutorado, é possível pensar que uma fase de sua trajetória acadêmica está finalizando. Certamente este tempo que você foi uma aluna indígena na universidade afeta sua escrita. Como as pesquisas na pós-graduação, no Mestrado e no doutorado, contribuíram para minha escrita literária?

Sempre gostei de estudar e já no Ensino Médio comecei a rabiscar meus primeiros poemas com 14 anos. Tinha uma avó chamada Assunta que tinha apenas a 4ª série do Ensino Fundamental como se diz hoje, mas, era dotada de uma sabedoria e cultura que impressionava quem dela se aproximava. Minha avó fazia poemas e eu repetia para os turistas que iam visitar nossa aldeia Belém do Solimões no Alto Solimões/AM. Ainda criança eu decorava a poesia porque não tinha o domínio da leitura até então, só fui estudar quando saímos da aldeia para a cidade de São Paulo de Olivença/AM. Somos o povo da fronteira, porque estamos perto do Peru e da Colômbia o que nos proporciona um contato direto com o espanhol.

Meus poemas, nessa idade de 14 anos, não eram apresentados às pessoas, somente a minha avó. Ela, vendo minha dedicação, me deu uma máquina de datilografia de presente e comecei a treinar os textos datilografando. Somente depois da graduação em Geografia, quando minha avó havia falecido e eu estava almejando o Mestrado que me dediquei à escrita literária novamente com mais foco. Passei no Mestrado em Geografia na Universidade Federal do Amazonas, em Manaus e minha pesquisa foi a territorialidade do meu povo Omágua/Kambeba.

Depois da conclusão do mestrado veio a ideia de fazer poesias que tivessem relação com a pesquisa e os escritos. Nesse momento surgiu meu primeiro livro “Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade”, quando já estava morando em Belém/PA. Trouxe para o livro textos sobre território e territorialidade, memória, cultura, modo de vida, a importância da língua Omágua/Kambeba pertencente ao tronco Tupi, entre outros. Esse livro foi feito de forma independente, nesse tempo ninguém queria publicar meus textos, não era conhecida, não tinha apadrinhamento literário (e nem sei se isso existe), enfim, não tinha nada além de minha coragem e vontade de ver meu livro circular em vários

espaços. O que quero dizer com isso é que a formação acadêmica em Geografia, a Especialização em Educação Ambiental, o Mestrado em Geografia para o início da minha jornada literária e a continuidade que estou dando foram fundamentais. O mestrado me levou para um aprofundamento sobre a história de meu povo Omágua/Kambeba e esse aprofundamento me deu uma base sólida para escrever sobre territorialidade, cultura, ancestralidade e resistência de uma maneira que vai além da experiência pessoal, conectando suas narrativas a estudos históricos.

Em 2021, entrei para o Doutorado em Linguística pela UFPA e ainda estou cursando. Estar no Doutorado tem contribuído bastante para minha escrita literária, principalmente quando se refere ao entendimento da importância da língua mãe, na compreensão de que o dispositivo colonial e o governo da língua contribuíram para que eu perdesse por conta da proibição, que não terminou no século XX, a prática de entender e falar a língua do povo Magüta/Tikuna. Esse povo conseguiu resistir ao processo de colonização mantendo sem fratura a sua língua e falam somente a língua mãe quando estão entre si na aldeia e fora dela. Antes do adentrar o Doutorado em Linguística, já compreendia essa importância e já produzia meus poemas bilingue. Com o Doutorado, esse entendimento se intensificou, me proporcionando a pesquisa e a escrita literária com o olhar amplo para essas questões. A pesquisa acadêmica me proporciona ferramentas teóricas e metodológicas para refletir criticamente sobre as questões de descolonização do conhecimento e a luta pela preservação dos saberes e das culturas indígenas. Essas reflexões são evidentes em minha escrita pois desafia as narrativas coloniais e dá voz às experiências indígenas de resistência e sobrevivência. Penso que isso faz da minha escrita um espaço para essa crítica descolonial, onde o passado e o presente se entrelaçam em formas artísticas.

No ambiente da pós-graduação, consegui explorar mais profundamente minhas múltiplas identidades – como Omágua/Kambeba, Kukama e Witoto – e como elas se entrelaçaram em minha vivência e experiência de vida e escrita. Essa pesquisa me permitiu refletir sobre uma pluralidade identitária de maneira mais complexa e consciente, o que se reflete em minha literatura ao trazer uma multiplicidade de vozes, línguas e saberes. Minha escrita não apenas transita entre mundos, mas também incorpora a fluidez das culturas e das identidades.

A experiência com metodologias de pesquisa, tanto qualitativas quanto quantitativas, durante o Mestrado e Doutorado, me ajudou a estruturar as narrativas literárias de maneira mais detalhada e fundamentada. A prática de pesquisa de campo nas aldeias do meu povo, por exemplo, alimenta diretamente minha literatura, na qual os conhecimentos orais, como histórias vívidas e a memória coletiva se transformam em elementos fundamentais de minhas obras. Trago na escrita da tese poesias que dialogam com a pesquisa porque entendo que a poesia é uma forma de luta.

A pesquisa acadêmica reforçou a importância da oralidade como um elemento central da cultura indígena e como uma ferramenta de resistência. Utilizo a literatura para preservar e transmitir as histórias orais de meu povo, transformando-as em textos escritos que dialogam com o mundo acadêmico sem perder a essência da tradição oral. Esse processo é também uma forma de documentar e manter viva a memória coletiva dos Omágua/Kambeba, enquanto navego entre a escrita acadêmica e literária.

Além disso como educadora faço poesias para dar aula a exemplo do poema “Territorialidade Indígena” que está no livro “Saberes da Floresta” lançado em 2020. Fiz esse poema e outros mais para dar aula na disciplina prática de campo na aldeia do povo Wai Wai localizados no Estado do Pará. Outro poema que é importante de ressaltar se chama “Povos indígenas na Universidade” onde trago sobre a importância de estarmos na Universidade fazendo pesquisa para fortalecer as lutas dentro das aldeias e fora dela. É um poema muito usado pelos meus parentes indígenas que estão na graduação, mestrado e doutorado. Sempre digo que nada é meu, tudo é nosso.

Fico feliz e me sinto mais responsável ainda quando meus parentes que estão no Mestrado e Doutorado me falam que aguardam ansiosos minha defesa de doutorado para eu poder estar em suas bancas de defesa e pedem que eu os oriente em suas teses e dissertações, além de usarem meus livros em suas pesquisas. É uma honra para mim!

REFERÊNCIAS

D’ AMORIM JÚNIOR, Miguel Antônio. **May Sangara Kumissa: o encanto e o encontro com uma voz da poesia indígena brasileira e os ecos íntimos do leitor em sala de aula.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação, 2019.

KAMBEBA, Márcia. **Poemas e crônicas: Ay kakuyri tama (eu moro na cidade).** Manaus: Grafisa Editora, 2013.

KAMBEBA, Márcia. **Saberes da floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020a.

MUNDURUKU, Daniel. Meo tio Apolinário. MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

NEVES, Ivânia As histórias de Murué Suruí e Kudã'í Tembê: traduções e temporalidades. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 1, p. 149-175, 2018.